

Rosana Eulâmpio de Moraes

**A POÉTICA DA ESCULTURA:
ESTUDOS DO USO DA ARGILA NA ARTE-EDUCAÇÃO**

Brasília

2012

Rosana Eulámpio de Moraes

**A POÉTICA DA ESCULTURA:
ESTUDOS DO USO DA ARGILA NA ARTE-EDUCAÇÃO**

Trabalho de conclusão do curso de Artes Visuais, habilitação em licenciatura, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília, Pró-Licenciatura.

- Orientadora: Prof^a Andressa Moreira.

Brasília

2012

Agradecimentos

Agradeço a Deus por conceber a cada dia o sopro da vida, suas misericórdias e seu maravilhoso amor.

Agradeço a cada um dos alunos: joias únicas no teatro da vida. Que eles se desenvolvam com alegria de pensar e sonhem com caminhos melhores.

A meus filhos, Ana Clara e Rafael, por me dar a felicidade e trazer em seus olhos a beleza da vida. Meu esposo, Osvaldo, por incentivar nessa caminhada de educadora.

A Andressa Urtiga, pela paciência e correções nas horas certas...

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM ARTES.....	10
1.1 Breve contextualização histórica da Educação em Artes	10
1.2 Novas concepções do ensino das artes visuais no Brasil	12
1.3 Educação do sensível no contexto escolar	14
2. BREVE APANHADO DA ESCULTURA ATRAVÉS DA HISTÓRIA.....	19
2.1 A escultura em cerâmica no Brasil: Mestre Vitalino.....	33
3. PROPOSIÇÕES DE UM PLANO PARA AULA DE ARTES VISUAIS.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	44
ANEXO I.....	46
ANEXO II.....	47

LISTAS DE IMAGENS

- Fig.1 – Escultura “ O Beijo” (Augusto Rodin)20
Imagem retirada da internet: http://pt.wikipedia.org/wiki/O_Beijo Data: 14/11/12
- Fig. 2 – Escultura “O Beijo” (Constanti Brancusi)22
Imagem retirada da internet: <http://blogillustratus.blogspot.com.br/2010/04/escultura-breve-historia.html> Data: 14/11/12
- Fig. 3 – Escultura “Pássaros no Espaço” (Constanti Brancusi).....23
Imagem retirada da internet:http://solidaoruidosa.blogspot.com.br/2007_03_01_archive.html
Data: 14/11/12
- Fig. 4 – Escultura: “Dobradura em disco vermelho” (Alexander Calder).....24
Imagem retirada da internet: http://pt.wikipedia.org/wiki/Alexander_Calder Data: 14/11/12
- Fig. 5 – Escultura: “Figura Reclinada” (Henry Moore).....25
Imagem retirada da internet: <http://doportoenaoso.blogspot.com.br/2011/03/nos-50-anos-da-publicacao-de-popular-em.html> Data: 14/11/12
- Fig. 6 – Escultura: “Pássaros” Felicia Leirner).....26
Imagem retirada da internet: - <http://www.dipity.com/tickr/Flickr-leirner/> Data: 14/11/12
- Fig. 7 – Escultura (Mário Cravo).....27
Imagem retirada da internet: http://zeniltonmeira.blogspot.com.br/2011_12_01_archive.html Data: 14/11/12
- Fig. 8 – Escultura: “Gaúcho” (Vasco Prado).....29
Imagem retirada da internet: <http://www.guion.com.br/arte/vasco.htm> Data: 14/11/12
- Fig. 9 – Escultura: “Guerreira” (Stockinger).....30
Imagem retirada da internet:
http://www.galeriaartequadros.com.br/site/acervo_detalhe_obra.php?id_obra=1894 Data:14/11/12
- Fig. 10 – Escultura: - Obra: “A Grande Coluna (Caciporé)31
Imagem retirada da internet:- <http://ivanleite09.blogspot.com.br/2011/11/mube-museu-brasileiro-da-escultura-um.html> Data: 14/11/12
- Fig. 11 –Esculturas: Troncos e galhos de árvores queimadas (Frans Krajcberg).....32
Imagem retirada da internet: <http://mundoapc.blogspot.com.br/2011/05/frans-krajcberg.html>
Data: 14/11/12
- Fig. 12 – Escultura: “Noivos” (Mestre Vitalino).....34
Imagem retirada da internet: <http://artepopularbrasil.blogspot.com.br/2010/11/este-blog-sera-inaugurado-com-uma.html> Data: 14/11/12
- Fig. 13 –Escultura: “Enterro na rede” (Mestre Vitalino).....34
Imagem retirada da internet:<http://www.museucasadopontal.com.br/en/mestre-vitalino>
Data: 14/11/12

Fig. 14 – Centro de Ensino Fundamental Arapoanga.....	47
Imagens do acervo pessoal, retiradas no Centro de Ensino Fundamental Arapoanga, durante as aulas de artes, com alunos da 8ª série – 2012.	
Fig. 15 – Foto da apresentação da proposta da aula	48
Imagens do acervo pessoal, retiradas no Centro de Ensino Fundamental Arapoanga, durante as aulas de artes, com alunos da 8ª série – 2012.	
Fig. 16 – Foto dos alunos produzindo cartazes	48
Imagens do acervo pessoal, retiradas no Centro de Ensino Fundamental Arapoanga, durante as aulas de artes, com alunos da 8ª série – 2012.	
Fig. 17 – Foto das apresentações dos alunos.....	49
Imagens do acervo pessoal, retiradas no Centro de Ensino Fundamental Arapoanga, durante as aulas de artes, com alunos da 8ª série – 2012.	
Fig. 18 – Foto da aula prática com a argila	49
Imagens do acervo pessoal, retiradas no Centro de Ensino Fundamental Arapoanga, durante as aulas de artes, com alunos da 8ª série – 2012.	
Fig. 19 – Foto: conhecendo e vivenciando a argila.....	50
Imagens do acervo pessoal, retiradas no Centro de Ensino Fundamental Arapoanga, durante as aulas de artes, com alunos da 8ª série – 2012.	
Fig. 20 – Foto da apresentação das esculturas criadas por alunos	50
Imagens do acervo pessoal, retiradas no Centro de Ensino Fundamental Arapoanga, durante as aulas de artes, com alunos da 8ª série – 2012.	
Fig. 21 – Foto da apresentação e avaliação das esculturas.....	51
Imagens do acervo pessoal, retiradas no Centro de Ensino Fundamental Arapoanga, durante as aulas de artes, com alunos da 8ª série – 2012.	

“ A arte só nos liberta se for nossa, e a missão que certos artistas se atribuem é atrair nossa criatividade, não tanto oferecendo -nos um modelo a imitar, como o mestre ao discípulo, mas dando-nos o exemplo de uma liberdade a viver”.

Mikel Dufrenne

INTRODUÇÃO

No presente trabalho foco na educação em artes visuais no contexto do Ensino Fundamental II, com um direcionamento específico para o campo da escultura em argila. Proponho, também uma perspectiva de arte-educação voltada para a leitura, contextualização/reflexão/crítica e fazer artístico, baseando-se em uma pedagogia do sensível.

Ao pensar a educação a partir da compreensão do ensino da arte, ressalto e defendo sua importância na grade curricular. Educar em arte é educar a sensibilidade e a percepção de mundo.

O trabalho com a aprendizagem e o desenvolvimento dos sentidos, envolve o trabalho com o sensível, implicando uma tomada de consciência por parte de alunos e professores, onde buscamos novos olhares e percepções sobre o mundo e a vida.

Infelizmente a escola do século XXI, ainda adota algumas metodologias do aprender mecânico, sem relação com o real, priorizando e valorizando a assimilação do conhecimento, onde o refletir – agir – refletir para construção de uma aprendizagem significativa; não faz parte desse processo.

Pensando nestas questões e ampliando as oportunidades para uma educação do sensível em arte, proponho uma prática onde a sensibilidade do aluno é valorizada, através do manuseio com a argila, sendo um material de baixo custo, fácil de encontrar e modelar, e que possui um poder terapêutico também.

É importante ressaltar que no convívio escolar, precisamos nos tornar-se mais sensíveis, reforçando posturas humanas, onde nossos desafios são mais cooperativos, responsáveis, integradores, participativos, usando a afetividade e a paciência pedagógica, como atitudes de mediadores da aprendizagem.

A partir dessa perspectiva, no primeiro capítulo apresento uma breve contextualização histórica da Educação em Artes, com base, principalmente nos Parâmetros Curriculares Nacionais e nas proposições de Ana Mae Babosa, abordando novas concepções do ensino das artes visuais no Brasil e a importância de uma educação mais sensível no contexto escolar.

Já o segundo capítulo abarca algumas pesquisas sobre o campo específico da escultura em argila, compondo algumas reflexões históricas, com enfoque na possibilidade de uma inserção prática e teórica dessa temática nas aulas de artes visuais.

No terceiro capítulo proponho uma sugestão de plano de aula na disciplina de artes visuais, com base nas contribuições dos campos teóricos debruçados nos capítulos anteriores e na prática educacional adquirida até o presente momento. Sendo, desse modo, uma possibilidade de fusão entre teoria e prática.

1. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM ARTES

1.1 Breve Contextualização Histórica da Educação em Artes

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), desde o início da humanidade, “a Arte sempre esteve presente em todas as manifestações culturais” (Parâmetros Curriculares Nacionais, 2001, p.21). Desenhos de bisão em cavernas são exemplos de registros das primeiras manifestações e expressões artísticas na chamada pré-história. Desde esse período, o ser humano teve que aprender determinadas técnicas e construir conhecimentos e ferramentas para difundir uma dada prática. A aprendizagem e o ensino da arte existem desde os primórdios da humanidade e se transformaram, ao longo da história, conforme as normas sociais, os valores estabelecidos e os diferentes ambientes culturais.

Já no século XX, a área de Arte, mudou com as transformações educacionais e culturais. Novas pesquisas desenvolvidas no campo das ciências humanas trouxeram dados importantes sobre o desenvolvimento da criança e do adolescente, sobre o processo criador e sobre a arte de outras culturas. Nas confluências da antropologia, filosofia, psicologia, psicanálise, crítica da arte, psicopedagogia e tendências estéticas modernas, surgiram os princípios inovadores do ensino das linguagens artísticas como: a “livre expressão”, onde se acreditava que a potencialidade criadora se desenvolvia naturalmente, sem nenhum tipo de intervenção. Nesta proposta metodológica, o professor tinha um papel mais passivo, descaracterizando, de certo modo, o ensino das artes, perdendo o seu sentido (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998, pág.21).

Nas décadas de 1960 e 70, as mudanças políticas, sociais, culturais e comportamentais foram avassaladoras – assim foram também no ensino das artes. Centros norte-americanos e europeus trouxeram novas tendências para o currículo: a investigação da natureza como forma de conhecimento no processo de desenvolvimento do aluno (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998, pág. 22).

Autores norte-americanos, como Feldman, Munson e Eisner, afirmaram que o desenvolvimento artístico – habilidades artísticas - desenvolve-se pelas questões que o sujeito busca em seu meio para transformar ideias, sentimentos e imagens em um objeto material (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998, pág. 23).

No que diz respeito à arte como disciplina na educação formal brasileira, em 1971, de acordo com a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB), a arte é incluída no currículo com o título de Educação Artística, sendo uma “atividade educativa”. Esse acontecimento foi um avanço legal, no entanto, muitos professores não estavam preparados e habilitados para assumir essa nova demanda. É importante destacar, também que a disciplina de artes ainda não era considerada obrigatória nas escolas brasileiras.

Nesse mesmo período, os professores responsáveis pela disciplina de artes, possuíam uma formação polivalente¹ e tentavam assimilar e integrar as várias modalidades artísticas. Este fato implicou numa diminuição qualitativa dos saberes, por não considerar mais profundamente as especificidades de cada campo: artes visuais, música, artes cênicas e dança (Lei de Diretrizes e Bases, Lei nº 9394/96, artigo 26, § 2º).

Com o processo de democratização² no Brasil, na década de 80, aumenta o movimento de organização de professores de artes em prol de mudanças nas concepções de suas atuações profissionais, influenciados, principalmente pelas ideias de pesquisadores norte-americanos. Segundo as autoras: Ferraz e Fusari (1992), esses movimentos eram difundidos e promovidos nas universidades, e associações de arte-educadores e lutavam por novas metodologias para o ensino e a aprendizagem de artes nas escolas.

Em 1988, com a promulgação da Constituição, discute-se a nova Lei de Diretrizes e Bases, sancionada em 20 de dezembro de 1996. Com a Lei nº 9394/96, a arte é considerada obrigatória na Educação Básica: “*O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis de educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos*” (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica, artigo 26, § 2º).

No ano de 2010, a lei de nº 12.287, sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, acrescenta uma frase sobre a valorização das manifestações artísticas e culturais regionais na lei anterior, ficando da seguinte forma: “O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis de

¹ Os professores passam a atuar em todas as linguagens artísticas, independente de sua formação e habilitação (PCN's, pag. 28, 1998).

² Apesar do Regime Militar (1964), a sociedade reivindicava as liberdades individuais, com esperança de retorno à democracia com uma abertura política “lenta” e “gradual”: - com a aprovação da Lei de Anistia. A sociedade pressionava para que os militares deixassem o poder. Disponível na internet: WWW.históriabrasileira.com.

educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica, nº 12.287, § 2º). Toda essa trajetória demonstra o longo período de descaso para com o ensino de artes no Brasil, especialmente na Educação Básica

1.2 Novas concepções do ensino das artes visuais no Brasil

As escolas brasileiras têm se integrado às diversas mudanças estudadas ao longo da história do ensino da arte, destacando atualmente às tendências que estabelecem as relações entre educação estética e a apreciação de valores de múltiplas culturas: - a necessidade da apreciação da obra de arte, da história e do fazer artístico associado à realidade dos sujeitos.

Uma das mais reconhecidas propostas em arte-educação, foi desenvolvida pela professora Ana Mae Barbosa (1998), influenciada por teóricos como: Dewey, Piaget, Vigotski e Freire. A Abordagem Triangular, como ficou conhecida, foca a produção, a contextualização e leitura de obras da arte. Tal proposta surgida no início dos anos 90, continua sendo uma base fundamental de estudo no campo.

Segundo Biancho (1997), a produção refere-se ao *fazer* artístico, consistindo na aplicação prática da teoria da Proposta Triangular, permitindo:

(...) O contato direto com diferentes materiais, possibilitando, além de experimentações lúdicas, o estudo das suas propriedades, características expressivas e evoluir para o entendimento da existência de uma linguagem visual decorrente e articuladora desse próprio fazer. (BIANCHO, 1997, p.25)

É interessante observar que quando os alunos internalizam o conhecimento, a criação acontece através da troca com o exterior. Pode-se notar, também, uma herança do patrimônio cultural da humanidade nessa aprendizagem, tão importante à educação em artes.

Já a “contextualização” corresponde às possibilidades de integração com o contexto histórico-cultural, psicológico, geográfico, ecológico, biológico, dentre outros possíveis, associando os pensamentos e o objeto estudado a muitos saberes como coloca Barbosa (1998); Ampliando, desse modo, a interdisciplinaridade, através de experiências individuais,

sociais construtivas e adequadas aos currículos pós-modernos, prevendo a valorização da multiculturalidade e da ecologia, presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

E a “leitura” de obras é o resultado da síntese entre as áreas da Estética e da Crítica. Barbosa (1998) assume a influência de Paulo Freire, destacando a importância da leitura de imagens junto com uma valorização da alfabetização visual- tornando-se humanizadora, onde o professor exerce um papel de mediador das experiências estéticas, proporcionando e relacionando à crítica com a leitura de imagem e com a capacidade de análise dos conhecimentos adquiridos. Freire (2008) descreve que a leitura vai muito além da leitura de letras e coloca que até mesmo antes de lermos as letras, a gente já faz uma leitura do pequeno mundo que nos cerca.

Segundo Barbosa (1998), as diversas abordagens interpretativas devem ser compreendidas pelo professor-mediador, pois proporcionam aos alunos distintas opções de vivenciar as experiências estéticas, dentro de uma enorme pluralidade de leituras e interpretações, com critérios bem definidos, para desenvolver a capacidade julgadora. Sobre o papel do educador, Castro ressalta o seguinte:

(...) Eu não acredito que se possa ensinar arte. Ninguém ensina nada a ninguém. O princípio fundamental do meu ensino é que eu não ensino nada. Você não pode fazer como numa escola de engenharia ou de matemática e indicar uma fórmula para resolver um problema. Arte não tem receita. Pintura não tem receita, não tem esta fala. Acho que o professor deve ser um estímulo para o aluno, deve ser um provocador de problemas. Baseando-se na sensibilidade do aluno, você pode provocar esta sensibilidade a romper barreiras, em variados sentidos, em vários caminhos, para testar, para aprimorar esta sensibilidade. O único caminho possível é fazer com que o aluno, com a sensibilidade dele. É sempre um processo de dentro para fora. Este sentir “surdo, este silêncio interior é que faz nascer a arte. (CASTRO, apud BRITO, p. 224, 2001).

Assim, cabe ao professor propor possibilidades para que cada aluno possa conseguir encontrar um caminho mais sensível, desenvolvendo saberes por meio de decisões estéticas de acordo com seus contextos culturais (Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, 1999). Não existe receita ou método eficaz, o professor tem que prover de uma sensibilidade única, romper barreiras, ser um estimulador e provocador crítico.

É interessante observar que no Ensino Fundamental, as Artes, passam a vigorar como área do conhecimento e trabalho nas várias linguagens, visando à formação artística e estética dos alunos. Destacam-se, desse modo, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998),

aspectos como a criação e a percepção estética que fortalecem a experiência sensível e inventiva, para o exercício da cidadania e da ética construtora de identidade artística do aluno.

No Artigo 36 da Lei de Diretrizes e Bases, em seu parágrafo 1º, a competência que o aluno do Ensino Médio deve demonstrar no ensino das Artes está no conhecimento humano pelos aspectos estéticos e comunicacionais, articulado à tríade sensível-cognitivo-cultural.

A concretização e apreciação de produtos artísticos pelos alunos, por meio de práticas sensíveis, desenvolvem saberes e reflexões que possibilitam trabalhar combinações, reelaboraões imaginárias, intuitivas e estéticas a partir de diversos elementos da experiência sensível da vida cotidiana e dos saberes sobre a natureza, cultura, história e seus contextos. Favorecendo, assim, a formação da identidade e de uma nova cidadania, fecundada na consciência de uma sociedade multicultural, onde o educando confronte seus valores, crenças e competências culturais.

1.3 Educação do sensível no contexto escolar

De acordo com o filósofo alemão do século XVIII (1714-1762) Alexander Baumgarten, a palavra “estética” significa “sentir”.³ O sentir envolve uma rede de percepções em diversas práticas, experiências e conhecimentos humanos. A educação do sensível, segundo Duarte Jr (2001), integra o universo da estética na medida em que o sensível perpassa pelo sentir e pelo sentido, e propõe repensar a vida, de forma mais ampla, com uma percepção mais cuidadosa e delicada.

O autor distingue também os termos saber e conhecer: o saber está relacionado com o sensível, elaborado nas experiências sensoriais, e o conhecer, compreende o intelectual (razão). O saber sensível situa-se no senso comum, fazendo parte das nossas tradições; são saberes múltiplos muitas vezes perdidos ao longo da vida. Tudo é aprendido primeiramente pelos sentidos, segundo (Duarte Junior, 2001), pelo que o corpo registra. É um saber que o organismo tem como habilidade, funde-se ao corpo e integra como uma qualidade. Por isso uma educação do sensível ou educação do sentimento se encontra no âmbito da educação estética, o qual faz emaranhar informações dos sentidos e da percepção, construindo um

³ <http://www.tirodeletra.com.br/ensaios/Dicionario-Estetica.htm>

conhecimento mais abrangente. Pois, de certo modo, o que faz sentido para uma pessoa é o que a sensibiliza.

Desenvolver a sensibilidade começa na atenção e educação do sensível como saber construído pelos sentidos e pelas percepções de si mesmo e do mundo, refletindo sobre a condição de fazer parte dele e de nele interagir. A educação do sensível conduz à educação estética sendo, também, parte do aprender e ensinar arte.

O ensino da arte contribui para a educação do sensível, desenvolvendo e promovendo as percepções e os sentimentos da realidade. Facilitando, assim, as relações que possam trazer sentido à vida, por meio de conhecimentos mais profundos de si mesmo, provocando encontros internos e externos e despertar a sensibilidade para com o todo.

Segundo Bernard Charlot (1997) “tem significância aquilo que faz sentido, que diz alguma coisa do mundo e que se troca com outros”. O autor privilegia o sentido-direção: aberto sobre a finalidade da vida; o sentido-significação: relações de sinais, símbolos e mitos; e o sentido-sensação: aberto sobre a inscrição corporal do espírito e a pluralidade dos dados sensoriais.

Interessante observar que o sentido em educação, fica na “encruzilhada” e na interferência dos três significados precedentes e conduz a uma “escuta sensível”. (Barbier, 1997). A finalidade do ensino da arte se apóia sobre a realização e a simbolização de uma obra essencialmente pessoal em função de uma realidade imaginada e que se torna sensível (Barbier, 1997), com sensações, percepções e afetos.

O papel da arte-educação está ligado com os aspectos artísticos e estéticos do conhecimento. A função da arte na escola perpassa pelo desenvolvimento do domínio/espço da percepção e da imaginação. Traz à tona, portanto, o próprio fazer artístico e a experiência criadora que se dá através de recursos e instrumentos para expressão de ideias, percepções, emoções, sentimentos e conhecimentos. Constrói-se, assim, o conhecimento sensível do mundo através do meio sócio-cultural e a relação da realidade em que se integra e que se inter-relaciona com uma multiplicidade de culturas.

Se arte é produção sensível, se é relação de sensibilidade com a existência e com experiências humanas capaz de gerar um conhecimento de natureza diverso daquele que a ciência propõe, é na valorização dessa sensibilidade, na tentativa de desenvolvê-la no mundo e para o mundo devolvê-lo que poderemos contribuir de forma inegável com um projeto educacional no qual o ensino de arte

desempenhe um papel preponderante e não apenas participe como coadjuvante.(BUORO, 2002, p. 41).

Há muito tempo a sensibilidade perdeu espaços na escola, onde a aprendizagem não é mais significativa e a vivência vem perdendo lugar para a mecanização⁴. Para Duarte Junior (2001), a escola ainda separa razão, emoção e sentimentos, levando a arte a ocupar um espaço pequeno dentro da grade curricular, mesmo sendo uma disciplina capaz de exprimir sentimentos, concretizar o sentir das pessoas e presenciar todas as culturas. A escola parece ignorar que:

A experiência criadora designada pela capacidade humana de fabricar, emprestar, construir, negar, afirmar, extrair, atribuir, relacionar, imanta o mundo de sentidos para serem sentidos, constituindo as distintas maneiras como cada um de nós interage com os múltiplos universos de outros seres. (DERDYK, p. 25, 2001.)

É óbvio dizer que as experiências sensoriais envolvem todos os sentidos, mas, ao que parece, relegam-se alguns sentidos a uma coadjuvação de segundo plano – como coloca Marilena Chauí:

(...) Dos cinco sentidos, somente a audição (referida à linguagem) rivaliza com a visão no léxico do conhecimento. Os demais, ou estão ausentes ou operam como metáforas da visão. Falamos em captar uma idéia ou em agarrá-la [...]. Entretanto, estas expressões táteis, olfativas, gustativas e cinestésicas cumprem um papel preciso, qual seja, trazer o invisível - pensamentos - ao visível. (CHAUÍ, 1995, p. 37)

Desta forma, incorre-se em prejuízo não só da percepção sensorial da arte, mas também na própria forma de expressá-la. Precisamos ser um “*passeur*” da educação, um mediador, como diz Barbier (1977). Pessoas curiosas abertas à multirreferencialidade das teorias e das práticas dando sentido para “significância” que diz alguma coisa do mundo e que se troca com os outros (Charlot, 1997).

O que se percebe é que na prática educacional a intuição é um elemento para aliviar o pensamento das atividades ditas produtivas, um tipo de “descansar a mente”. Educadores

⁴ **Mecanização** ou memorização, conhecida como “ensino tradicional”, exigindo do aluno que decore demonstrações de teoremas (memorização) e praticas de listas com enormes exercícios (mecanização), onde os resultados (memorização) não levando o aluno a pensar, onde não são significativos e reflexivos. PONTE, João Pedro. **O ensino da Matemática em Portugal: Lições do passado, desafios do futuro**. 2004. Disponível em: <www.ufpel.tche.br/clmd/bmv/detalhe_biografia.php?id_autor=1>

parecem desconhecer que a percepção estética na arte possibilita experienciar a intuição em atividade, como diz Duarte Jr., em *O Sentido dos Sentidos*:

Uma educação dos sentidos só pode ser levada a efeito por meio de educadores cujas sensibilidades tenham sido desenvolvidas e cuidadas, tenham sido trabalhadas como fonte primeira dos saberes e conhecimentos que se pode obter acerca do mundo. (DUARTE JR, 2001, p.206).

O professor é um sujeito mediador, num processo co-participante de aprender e ensinar. Segundo Freire (1996):

o bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas. (FREIRE, 1996, p. 96)

A pedagogia pregada por Freire (1970) caracteriza-se por uma prática pedagógica reflexiva e transformadora, onde ser professor implica em um compromisso de contribuir no processo de transformação social. O que importa é que os professores e os alunos se assumam epistemologicamente curiosos (Freire, 1996).

O professor deve romper com as práticas da “educação bancária”, de ser um depositador de conhecimentos. Para Freire (1970), essa forma de educação reflete a sociedade opressora e a “cultura do silêncio”, sem diálogo e criatividade.

O professor de artes, ao contrário dessa postura “bancária”, deve ressaltar a importância da educação estética:

A função estética é condição de leitura de obra de arte, principalmente na disposição estética, na sensibilização do olhar, pois, ao propiciar uma atitude de estranhamento frente a si próprio e o mundo circundante, a função estética amplia as possibilidades do aluno em relação a si mesmo e também frente a sua realidade.” (CURTIS, 1997, p. 130).

Assim, a arte, como promotora de sentidos, sensibilidades e saberes, devem ser inserida num contexto novo, onde se percebe outros significados, e se busque criativamente uma forma perceptiva e consciente para uma melhor qualidade de vida dos sujeitos; que possibilite mudanças e descobertas.

Torna-se, então, necessário pensar os processos de construção do conhecimento para novos e sensíveis olhares, mudando o olhar para o mundo, num cultivo da própria sensibilidade em fazeres artísticos críticos e sensíveis à percepção, imaginação e experiências práticas. Como coloca Fabrício Ferri, quando diz: Neste século a imagem será a principal forma de comunicação, linguagem e literatura. E a “percepção inicial, para a elaboração dessas imagens, precisa ser bastante treinada, precisa carregar uma boa dose de cultura.” (FERRI, 2002)⁵.

⁵ In: SEIXAS, Fábio. A universidade dos sentidos. Jornal Folha de São Paulo, 29 de outubro de 2002, p. 30. Sináipse. Na internet <www.universitadellimmagine.com>

2. BREVE APANHADO DA ESCULTURA ATRAVÉS DA HISTÓRIA

Há muito tempo, os escultores utilizavam todos os materiais que prestavam a receber uma forma em três dimensões: areia, conchas, rocha, vidro, têm seu lugar na história da escultura. Os escultores modernos ampliaram as diversidades dos materiais, dando continuidade à busca de experimentações.

Ao longo da história, os materiais que mais predominaram foram a madeira e a pedra. O trabalho em pedra é uma antiguidade encontrada em quase toda parte do mundo, e mostra fragmentos da extensão artística nas civilizações humanas. Para o homem primitivo, entretanto, as esculturas simbolizavam o receptáculo das divindades (como teofanias) e, de certa forma, do poder mágico dessas divindades (Wittkower, 2001).

Já os gregos, herdeiros das civilizações orientais, cultivavam com orgulho as tradições. A prática de esculpir a pedra, especialmente o mármore, era o objetivo mais elevado e grandioso da realização da escultura. As esculturas ganham movimentos com imagens com formas naturais e perfeitas, uma vez que tinham a função de representar deuses e adornar templos (Proença, 2000).

Foi no Renascimento que a escultura se destacou com produções de obras que testemunhavam à crença na dignidade do homem. Os estudos da anatomia humana era objetivo de estudos dos artistas Michelangelo e Verrochio, atingindo nessa época: perfeição, clareza, equilíbrio e harmonia.

A rapidez do mundo industrializado influenciou a arte no século XIX. Aparece o neoclássico – a busca por paixão, violência e movimentos dos artistas românticos. Nessa busca de uma escultura moderna destaca-se o artista Auguste Rodin, que se tornou um consagrado escultor pela grande habilidade que tinha com a técnica do mármore e do bronze. Suas esculturas possuem ondulações e aspereza, que dão às obras um aspecto enrugado, permitindo assim, dependendo da luz que incida sobre elas, constantes variações de reflexos e sombras. Sua marca registrada era o espírito inovador que simplificava, destorcia e deixava a marca e textura no material utilizado, instigando a imaginação do observador (Proença, 2000). Podemos observar essa inovação na obra: “O Beijo”:



Figura 1

Obra: O Beijo (1888 – 1889) – Auguste Rodin – mármore (181,5 cm X 112,3 cm). Museu Rodin, Paris

A escultura moderna sofreu também transformações com o impacto do progresso, da tecnologia e das conquistas de novas técnicas. Suas características estão nas diversidades dos materiais que os escultores modernos usam, surgindo novos, inúmeros e diferentes materiais produzidos pelas indústrias.

O escultor moderno descobriu o valor plástico ao espaço ou ao vazio, atuando com sensibilidade como valor escultórico interno, através de vazios, perfurações abertos na massa dos volumes, compondo formas que dão ao espaço dinamismo, além dos materiais (Safar, 2006).

Também observamos as formas abstratas, inspiradas na natureza, onde o movimento é uma inovação que expressa formas de integrar as esculturas à dispositivos mecânicos, produzindo luz e som, com sensações cinéticas, visuais e a auditivas (Safar, 2006)

Nos novos caminhos das esculturas, os artistas simplificam a figura humana, representando com traços essenciais ou estilizados, criando componentes figurativos ou figuras inventadas, avançando no caminho da abstração (Proença, 1998).

Destaque nas obras do escultor Constantini Brancusi, considerado o maior escultor modernista. Diz-se que sua obra queria revelar as formas que, segundo o próprio artista, estavam pressas na pedra. Tratava-se de tentativas de dar vida e movimento à obra e, ao mesmo tempo, de preservar as características do material utilizado. A obra “O Beijo” (1908), ressalta o valor expressivo da obra, das formas simples, com uma composição quase abstrata; focada na eliminação de acessórios. Para melhor compreender, basta comparar a obra com “O Beijo” de Rodin, que tem o mesmo nome. Na obra de Brancusi, as formas são simplificadas, chegando à total abstração, como podemos observar em “Pássaros no Espaço” (1927).



Figura 2

“O Beijo” (1908) – Constanti Brancusi



Figura 3

Obra: “Pássaros no Espaço” (1927) – Constanti Brancusi

As esculturas produzidas no pós-guerra sofrem modificações com os novos materiais como sucata, metal, solda, colagem e móveis (Proença, 2000). Destaque para o artista Alexander Calder, que coloca movimento na escultura, com seus móveis que transformam o

espaço com esculturas flutuantes. Podemos observar essa transformação na obra: “Dobradura com disco vermelho”, de 1973:



Figura 4

Dobradura com disco vermelho, 1973.

Também merece destaque o artista inglês Henry Moore, que a partir da observação da natureza fez inovações revolucionárias na escultura, incorporando nas obras o próprio vazio (oposto do volume), onde os espaços da escultura (vazio) passam a ter a mesma função expressiva das superfícies maciças como na obra: “Figura Reclinada”, de 1959:

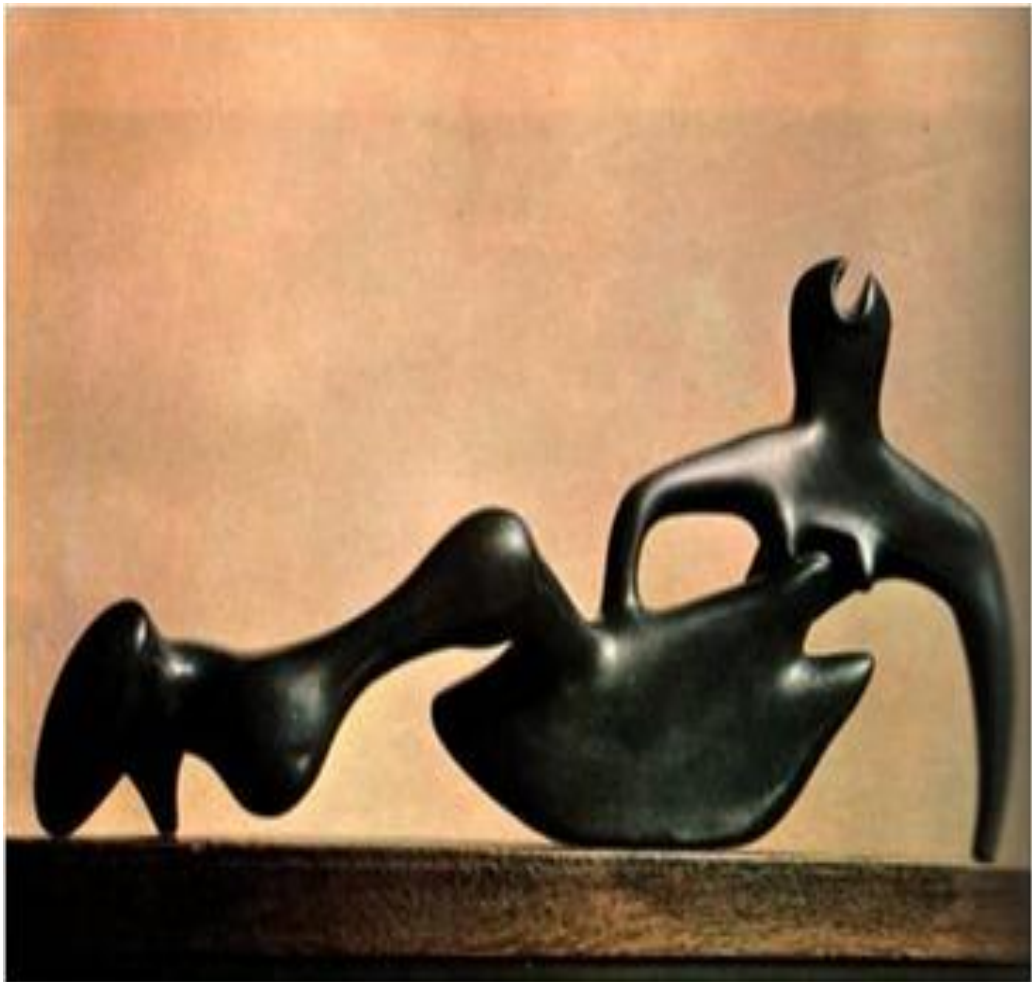


Figura 5

Henry Moore – *Figura Inclinada* (1959)

É interessante ressaltar que os escultores contemporâneos optaram, também, por criações abstratas, pelos volumes geométricos e pelas formas vazadas (Proença, 2000). A obra da artista Felícia Leirner, caracterizada pelas figuras abstratas, cria esculturas para grandes espaços externos, onde se integram harmoniosamente a espaços públicos, como observa na obra: “Pássaros”, 1976, localizada na cidade de São Paulo, Praça da Sé:



Figura 6

“Pássaros” (1976) – Felícia Leirner - Praça da Sé/SP

Já o artista baiano Mário Cravo Junior trabalha com vários tipos de materiais como pedra, madeira, metal e resina (Proença, 2000). Ele procura expressar algumas tradições populares predominantemente baianas em suas esculturas, onde mostra a busca de novas formas com volumes geometrizados. Como podemos observar na imagem a seguir, que fica no Colégio Eduardo Magalhães, no município de Jequié-BA, localizado na Avenida Cesar Borges:



Figura 7

Obra do artista Mário Cravo (Sem Título)

Os artistas gaúchos Vasco Prado e Stockinger criam esculturas expressivas, com formas estilizadas de cavalos e guerreiros, como podemos observar nas obras: “Gaúcho”, de 1998, e “Guerreiro”. Também observamos as formas alongadas e rígidas das esculturas de guerreiros medievais, com metal que a torna inconfundível nas obras de Stockinger.



Figura 8

“Gaúcho” (1998) – Vasco Prado - Escultura em bronze



Figura 9

Escultura: "Guerreira" – Stockinger

A obra “A Grande Coluna” do artista Caciporé Torres, de ferro fundido e aço inox em estado de sucata, também é representada em grandes espaços públicos, tornando uma obra, segundo o próprio artista coloca, acessível a todas as pessoas (Proença, 2000).



Figura 10

Obra: “A Grande Coluna” - Artista: Caciporé

O escultor Frans Krajcberg usa em suas esculturas a recriação artística a partir dos elementos da natureza, sua presença como artista é destaque na arte contemporânea do Brasil. Seu trabalho consiste, de forma mais geral, em utilizar objetos naturais mortos, dando-lhes vida outra vez, como podemos observar na obra a abaixo:



Figura 11

Esculturas: Troncos e galhos de árvores queimadas – Artista: Frans Krajcberg

É interessante ressaltar que a Arte Contemporânea surgiu depois da ruptura que até então se chamava Arte Moderna, interligando linguagens, materiais e tecnologias. Seus artistas refletem em suas artes questões políticas, ideológicas, religiosas, econômicas e sócio-históricas que afetam a todos diretamente, sejam na rua, nas conceituações, nas relações pessoais, na mídia e na própria arte. Toda essa integração é fruto das relações sociais que, cada vez mais estão conectadas pelas novas tecnologias de comunicação e informação, promovendo uma expansão de conceitos e linguagens.

2.1 A Escultura em Cerâmica no Brasil: Destaque para a obra de Mestre Vitalino

A descoberta do fogo pelo homem foi um marco para o surgimento da cerâmica. O barro secava e endurecia após ficar exposto ao calor do fogo. Então o homem por necessidade começou a moldar o barro... Surgindo a cerâmica (Proença, 2000).

A cerâmica é uma das formas de arte popular no Brasil, desenvolve-se em regiões propícias à extração de sua matéria-prima: o barro.

As mãos são o verdadeiro instrumento do artesão ou artista, dando origem a utensílios, peças ornamentais e os mais variados produtos da imaginação do homem (Bylaardt).⁶

Mestre Vitalino como é conhecido, foi um importante ceramista nordestino popular. Filho de lavradores, ainda quando criança começou seu trabalho em barro (cerâmica), tornando-se conhecido com 38 anos (Educarbrasil 2012)⁷

Vitalino nasceu em Caruaru, Pernambuco, em 1909. O mestre especializou-se em fazer obras que retratavam a vida e a cultura do povo nordestino (sertanejo). Suas obras mostravam a simplicidade dos fatos da vida cotidiana, esculpindo cenas comuns da vida das pessoas e vivências do povo do campo. Como podemos observar nas obras: “Noivos” e “Enterro na rede”:

⁶ BYLAARDT, M.P. et al. <http://www.eba.ufmg.br/alunos/kurtnavigator/arteartesanato/origem.html>. Acessado em novembro de 2012.

⁷ <http://www.portaleducarbrasil.com.br/Portal.Base/Web/VerContenido.aspx?GUID=d31e4d02-162d-465f-938b-4a6230d69812&ID=211127>. Acessado : 14/11/12



Figura 12 - Mestre Vitalino, *Noivos*, cerâmica policromada – Mestre Vitalino
<http://artepopularbrasil.blogspot.com.br/2010/11/este-blog-sera-inaugurado-com-uma.html>



Figura 13 - Obra: "Enterro na roça" – Mestre Vitalino
<http://www.museucasadoportal.com.br/en/mestre-vitalino>

Sua primeira exposição aconteceu em 1947, quando Augusto Rodrigues (artista plástico) o convidou para fazer parte da *1ª Exposição de Cerâmica Popular Pernambucana*, no Rio de Janeiro. Também expôs suas obras no Museu de Arte de São Paulo – MASP (1949) e na Suíça (1955) – *Exposição Arte Primitiva e Moderna Brasileira*, contribuindo para o reconhecimento de seu trabalho como ceramista popular (Educarbrasil, 2012).

A casa onde viveu mestre Vitalino abriga hoje o museu *Casa Museu Mestre Vitalino*, onde acontecem oficinas educativas de cerâmica, ministradas por artesãos, e onde se encontram parte das obras de Vitalino, também ceramista (idem, 2000).

3. PROPOSIÇÕES DE UM PLANO PARA AULA DE ARTES VISUAIS

A partir das reflexões e da experiência como professora de Artes Visuais no Centro de Ensino Fundamental Arapoanga, Planaltina/DF, fiz esta proposição de plano de aula que abarca novas propostas de aulas em artes visuais a partir de uma educação do sensível no contexto escolar. Enfocando o conteúdo na escultura contemporânea, como prática educativa, principalmente utilizando a argila para trabalhar a sensibilidade e o fazer artístico com os alunos. Este plano tem como público alvo, alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. É importante ressaltar que a argila foi escolhida como material por seu caráter popular, fácil de ser encontrada na maior parte do país. Por ser, também, um material barato, em termos de custo financeiro e por sua “ação” terapêutica.

Apresentação:

Ao longo de minha trajetória como educadora, percebi que vivenciar uma produção artística é algo que poucas pessoas ou alunos tiveram a oportunidade de fazer, principalmente no contato com obras tridimensionais.

Desse modo, este plano visa trabalhar esculturas contemporâneas, observando sua tridimensionalidade, e a construção de um processo de vivência do objeto de arte, através do prazer e da assimilação do conhecimento, no manuseio da argila e nas inúmeras formas e movimentos que poderão ser criados, por ser um material de baixo custo, pela facilidade que a argila proporciona ao ser trabalhado e observando o processo de criação de cada estudante.

Disciplina: Artes Visuais

Local: Centro de Ensino Fundamental Arapoanga – Planaltina/DF

Série: 8ªsérie/9º ano

Carga horária: 8horas/aulas

Objetivo Geral:

Estudar manifestações estéticas artísticas, com foco em uma educação do sensível e “contribuir para a apreensão e a diversificação da percepção e da visão de mundo do indivíduo, possibilitando a criação de relações dialógicas com outras culturas, seres e idéias

Objetivos Específicos:

-Socializar informações sobre escultura através de vivências e experiências, principalmente a argila.

-Estimular a criatividade individual e coletiva;

-Conhecer a argila como material para o processo de produção artística;

-Estudar objetos tridimensionais;

-Conhecer artistas escultores e os diversos materiais que eles trabalham;

-Incentivar o processo criativo na produção artística;

-Incentivar as produções artísticas individuais e coletivas;

-Contemplar e refletir sobre as produções artísticas.

Avaliação geral do trajeto:

Será avaliado o percurso construtivo do aluno, observando a capacidade de realização das atividades em grupo ou individual, através de um portfólio, com fichas a serem preenchidas pelos alunos, relatando os acontecimentos e os processos de aprendizagem de cada etapa.

1ª aula:

Tema: Tridimensionalidade

Recursos físicos e materiais: sala de aula e sólidos geométricos

Procedimentos:

A aula será expositiva ministrada na sala multiuso, onde os alunos sentaram no chão em círculo.

Apresentar o tema da aula: Conhecendo a linguagem contemporânea através da escultura de argila; Questionamento sobre o que é tridimensionalidade. Exemplos do cotidiano do aluno – bate-papo. Trocas de experiências.

Avaliação da aula:

Os alunos serão avaliados pela presença em sala e pela participação dos debates em sala.

2ª aula:

Tema da aula: Esculturas dos artistas contemporâneos

Recursos físicos e materiais:

A aula será na sala multiuso, com o auxílio de um datashow e de um computador.

Procedimentos:

Apresentar imagens de esculturas, com o auxílio de um projetor, de artistas como: **Felícia Leirner** - com criações mais abstratas, volumes geométricos, formas vazadas e materiais diversos- destacando que suas obras são destinadas aos espaços externos harmoniosamente com o meio; **Mário Cravo Júnior**, expressando em suas esculturas as tradições populares de sua terra (Bahia), com materiais diversos; **Vasco Prado e Francisco Stockinger**, escultores gaúchos, criam formas expressivas com mármore, metal ou madeira; **Caciporé Torres**, escultor paulista que cria grandes esculturas maciças populares, não figurativas; **Frans Krajcber** recria artisticamente elementos da natureza, dando-lhe vida novamente.

Obras utilizadas nas aulas – Vide páginas 18 a 30.

Avaliação da aula:

Cada aluno observa as obras e reflete sobre elas. Relatório descrevendo artisticamente as obras que mais impressionou nas obras.

3ª aula:

Tema: Descobrimos a obra e a vida do artista contemporâneo

Recursos físicos e materiais: Sala de leitura para pesquisa do artista, computadores com internet para a pesquisa, caderno e lápis para as anotações.

Procedimentos:

Possibilitar a ida dos alunos a Sala de Leitura, para pesquisa das obras do artista escolhido, como objeto de contemplação e construção de conhecimento.

Avaliação da aula:

Cada aluno entregará o resumo as pesquisas feitas na Sala de leitura.

4ª aula:

Tema: Construção de cartazes

Recursos físicos e materiais: Sala de aula, cartolinas, pincéis atômicos, cola e a pesquisa feita na aula passada.

Procedimentos:

Divisão em grupos dos alunos que fizeram a pesquisa do mesmo artista.

Produção de cartazes sobre os conhecimentos adquiridos nas pesquisas.

Avaliação da aula:

Observação de cada aluno como participante ativo/grupo da produção dos cartazes sobre o artista escolhido

5ª aula:

Tema: Vida dos artistas contemporâneos

Recursos físicos e materiais: Sala de aula, cartazes produzidos, fita adesiva.

Procedimentos:

Apresentação dos cartazes produzidos em grupos, sobre o artista pesquisado e suas obras.

Avaliação da aula:

Cada aluno será avaliado pela apresentação dos cartazes

6ª aula:

Tema: Modelagem em argila

Recursos físicos e materiais: Sala multiuso com pancadas, 1 kg de argila para cada aluno, pano, jornal e saquinho plástico.

Procedimentos:

Aula prática da técnica de modelagem da argila – conhecendo a textura, os movimentos, as formas que a argila proporciona na criação de esculturas.

Avaliação da aula

Relatório entregue pelo aluno sobre a aula prática, descrevendo as sensações, movimentos e formas com as técnicas da modelagem

7ª aula:

Tema: Escultura em argila

Recursos físicos e materiais: Sala multiuso com pancadas, 1 kg de argila para cada aluno, pano, jornal e saquinho plástico.

Procedimentos:

Criação da escultura em argila, onde o conhecimento adquirido será transformado em experiências e vivências, através do processo de criação do aluno.

Avaliação da aula:

Observação das experiências estéticas dos alunos, na construção da escultura em argila.

8ª aula:

Tema: Escultura em argila

Recursos físicos e materiais: Pátio da escola, escultura criada na aula anterior.

Procedimentos:

Mostra das criações das esculturas em argila, relatando suas experiências vividas. Contemplação e análise das esculturas dos outros alunos.

Avaliação da aula:

Relato das experiências vividas na construção da escultura em argila.

Exposição das esculturas

Auto-avaliação do aluno - depoimento

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi importante para um maior aprofundamento da história do ensino em Artes Visuais no Brasil, mostrando-me a importância do papel do arte-educador e uma reflexão na minha prática pedagógica, como professora de artes visuais. Proporcionou-me uma maior visão do ensino, enfocando uma aprendizagem significativa em sala de aula, abordando melhor a escolha de conteúdos específicos com a realidade dos alunos e a abordagem de um olhar crítico para uma educação sensível.

A escola sendo um espaço construtivo possui potencial para ampliação do conhecimento e as muitas e diversas leituras do mundo. Apesar do ensino da arte ter mudanças na metodologia no decorrer dos anos, ainda busca a garantia de um reconhecimento, mesmo sendo uma área do conhecimento humano tão “antiga”.

Os professores de artes têm o trabalho de ensinar, incorporados no papel de mediadores, transformadores e construtores das novas relações de ensino-aprendizagem para a disciplina.

A função dos arte-educadores está ligada à construção e criação de um diálogo entre saberes específicos do campo e a realidade cultural dos sujeitos com quem desenvolve sua prática. Por isso, é necessário reconhecer que as suas competências incluem educar para um olhar crítico (capacidade de julgar), educar para a sensibilidade, para a estética, para a criatividade, espontaneidade e capacidade de percepção e memória significativa.

O ensino da arte faz com que o indivíduo construa um percurso criador crítico e contextualizado à produção artística histórica, possibilitando o desenvolvimento de um sujeito ativo e criativo.

É interessante ressaltar as contribuições de Ana Mae Barbosa, com sua proposição de uma Abordagem Triangular, cujo foco é a multiculturalidade: abordando a leitura e a experimentação significativa para a realidade de cada aluno.

Pensando em uma abordagem de ensino da arte, propus no presente trabalho uma prática educativa através da escultura em argila, onde busquei conhecer um pouco do

processo-histórico da escultura, em especial da escultura contemporânea, através das reflexões de teóricos do campo, críticos da arte, educadores, etc. Enfatizei como proposta de ensino-aprendizagem, o manuseio e o conhecimento da matéria-prima: argila, visando que os educandos pudessem dialogar com o material, encontrando momentos de prazer, crítica, sensibilidade, pesquisa, criatividade, espontaneidade e de produção plástica/poética.

De forma mais geral e germinativa, neste trabalho enfatizei caminhos possíveis para a realidade do ensino de artes visuais no mundo contemporâneo e para a construção de uma prática de o ensino em artes de qualidade e excelência. Almejando a construção de uma prática de ensino em artes mais significativa. Voltando-me, assim, para a sensibilização crítica e o cuidado, como uma ação de respeito para com todos e consigo mesmo.

REFERÊNCIAS:

BARBIER, René. **O Educador como *passer* de sentido**. Comunicação ao Congresso Quelle Université pour demain ? Vers une évolution transdisciplinaire de l'Université, Locarno, Suíça, 1997. [online] Disponível em < <http://www.forumeja.org.br/df/?q=node/769> > Acesso em 19 de outubro de 2012 /

BARBOSA, Ana Mae. **A Imagem no Ensino da Arte**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991; _____ . **Arte-educação no Brasil**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

BIANCHO, Antônio. **Um Aplicativo Multimídia para o Ensino da Arte: Geometria**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Artes Visuais, UnB - Orientadora Prof.a. Dra. Suzete Venturelli, 1997.

BYLAARDT, M.P. et al. <http://www.eba.ufmg.br/alunos/kurtnavigator/arteartesanato/origem.html>. Acessado em novembro de 2012.

BUORO, Anamelia Bueno. **Olhos que pintam: a leitura da imagem e o ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola**. São Paulo: Cortez, 1996.

CAMARGO, Carlos Augusto Nunes. http://www.ufrgs.br/lacad/trabalhos_posgrad/A_materialidade_do_Vazio_Carusto_Camargo.pdf Disponível na internet: 22/09/12.

CAMPELLO, Sheila Maria Conde Rocha e GUIMARÃES, Leda Maria de Barros. **Módulo16: História da Arte-educação 2/** Organizadoras: Brasília: LGE Editora, 2010.

CHARLOT, Bernard., **Du rapport au savoir. Éléments pour une théorie** . Paris, Anthropos, Poche éducation, 1997.

CHAUÍ, Marilena. *In*: NOVAES, Adauto (Org.). **O olhar**. 1995;

Currículo da Educação Básica das Escolas Pública do Distrito Federal: ensino médio. Secretaria de Educação do Distrito Federal. Ministério da Educação.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**. São Paulo: Scipione, 1989.

DUARTE JR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 3ªEd. Curitiba: Criar, 2001.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ DE ARTES VISUAIS http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=4457. Disponível na internet: 08/10/2012.

FERRAZ, M.H.C.T. & FUSARI, M.F.R. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1992.

FERRI, Fabrizio. In: SEIXAS, Fábio. **A universidade dos sentidos**. Jornal Folha de São Paulo, 29 de outubro de 2002, p. 30. Sináipse. Na internet <www.universidadellimmagine.com>.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 49ª edição São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1970.

KRAUSS, Rosalind E. **Caminhos da Escultura Moderna**. Tradução de Júlio Fischer. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LABORATÓRIO DE CERÂMICA ARTÍSTICA À DISTÂNCIA
<http://www.ufrgs.br/lacad/index.htm>. Disponível na internet: 20/09/12.

LELIS, S. <http://www.nupea.fafcs.ufu.br/pdf/dissertacao-SoraiaLelis.pdf>. Disponível na internet: 28/09/2012

MORAIS, A.A.; MOTA, I.P.
<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/expocom/EX23-0080-1.pdf>.
Disponível na internet: 08/10/2012.

MURRIE, Z.F. (Coordenadora) http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf.
Disponível na internet 20/09/12.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS - ENSINO MEDIO, 2000

Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º Ciclos do Ensino Fundamental: introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

PORTAL EDUCAR BRASIL
<http://www.portaleducarbrasil.com.br/Portal.Base/Web/VerContenido.aspx?GUID=d31e4d02-162d-465f-938b-4a6230d69812&ID=211127> Disponível na internet: 14/11/12

PROENÇA, Graça. **História da Arte**. 15ª Ed. Editora Ática, 2000.

SAFAR, Giselle Hissa. Disponível na internet: pt.scribd.com/doc/80800808/1/Curso-Artes-Visuais

WITTKOWER, Rudolf. **Escultura**. 2ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ANEXO I - DEPOIMENTOS DE ALGUNS ALUNOS SOBRE O PROJETO:**Leonardo Ferreira de Sousa – 14 anos -8ª série A**

“Foi uma experiência diferente e divertida, mas eu preciso muito tempo para aprimorar mais, isso exige muita paciência e técnica. Achei bastante complicada na hora de dar forma para a obra, pois é a hora que mais exige técnica e concentração. O acabamento apesar de demorado, é mais fácil do que de dar forma à argila...”

Sarana de Sousa Nunes – 13 anos – 8ª série A

“Neste projeto aprendi muitas coisas, desde a primeira aula, com a explicação da professora e o contato com a argila. Em casa, durante os dias, refiz minha escultura e adicionei detalhes, deixando em um plástico para não secar... Gostei muito da experiência.”

Gustavo Soares Lima dos Santos – 14 anos – 8ª série A

“Fiz a escultura inspirado nas obras de Vasco Prado e aprendi que para conseguir fazer uma boa escultura, é necessário tempo para que ela fique perfeita. Muita paciência, porque demora demais para ficar do jeito que a gente quer. Achei muito legal. Foi uma aprendizagem para mim. Fiz um filho com um pai e algumas texturas...”

ANEXO II – IMAGENS

Figura 14 – Imagens do acervo pessoal, retiradas no Centro de Ensino Fundamental Arapoanga, durante as aulas de artes, com alunos da 8ª série – 2012.



Figura 15 – Imagens do acervo pessoal, retiradas no Centro de Ensino Fundamental Arapoanga, durante as aulas de artes, com alunos da 8ª série – 2012.



Figura 16 - Imagens do acervo pessoal, retiradas no Centro de Ensino Fundamental Arapoanga, durante as aulas de artes, com alunos da 8ª série – 2012.



Figura 17 - Imagens do acervo pessoal, retiradas no Centro de Ensino Fundamental Arapoanga, durante as aulas de artes, com alunos da 8ª série – 2012.



Figura 18 - Imagens do acervo pessoal, retiradas no Centro de Ensino Fundamental Arapoanga, durante as aulas de artes, com alunos da 8ª série – 2012.



Figura 19 - Imagens do acervo pessoal, retiradas no Centro de Ensino Fundamental Arapoanga, durante as aulas de artes, com alunos da 8ª série – 2012.



Figura 20 - Imagens do acervo pessoal, retiradas no Centro de Ensino Fundamental Arapoanga, durante as aulas de artes, com alunos da 8ª série – 2012.



Figura 21 - Imagens do acervo pessoal, retiradas no Centro de Ensino Fundamental Arapoanga, durante as aulas de artes, com alunos da 8ª série – 2012.